

“AGORA VOCÊ É GRATO A MIM”: VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM *ACENOS E AFAGOS* DE JOÃO GILBERTO NOLL

Marcus Vinicius Camargo e Souza (UNESP/IBILCE)¹

RESUMO

O narrador criado por João Gilberto Noll, em *Acenos e afagos* (2008), transforma-se, durante a narrativa, em uma mulher para estar ao lado do grande amor de sua vida, a personagem denominada de engenheiro. Entretanto, essa transformação é compreendida como uma forma de violência de gênero contra o narrador, uma vez que é construída em torno de uma obrigatoriedade imposta pelo engenheiro por ter ressuscitado o narrador de dentro de seu túmulo. “Agora você é grato a mim e continuará sendo pelo período que resta”, é o que diz o engenheiro no único momento da obra em que o narrador renuncia a sua voz em proveito daquele a quem precisa agradecer. A violência de gênero sofrida pelo narrador parece clara e direta na fala do engenheiro, contudo, muitos outros símbolos espalhados pela narrativa fazem o narrador perceber a obrigação de viver uma outra vida e um outro gênero após sua ressurreição, simplesmente como agradecimento, uma forma de violência reconhecida pela sociedade, visto que há diversas maneiras de se sofrer uma violência baseada no gênero. Judith Butler, em *Bodies that matter* (2011), mostra a força dos enunciados ao refletir sobre a violência dentro da sociedade por meio da ritualização do discurso de gênero. Já Jacques Derrida, em seu *Força de lei* (2007), reconstitui como a própria violência é parte da fundação da lei e da sociedade enquanto enunciado performativo o qual possui uma força de autoridade. O narrador de Noll não é inocente e, mesmo agindo dentro dessa obrigação disfarçada em forma de agradecimento, consegue demonstrar por meio do jogo com a linguagem como essa violência dá-se e debate qual seria o seu papel nessa narrativa das forças de gênero. Reunindo as críticas de Butler (1997) e Derrida (2007) para analisar a obra de Noll, pretende-se refletir como o narrador resiste à violência enquanto se transforma, não em uma mulher, mas reinventa uma forma subversiva de manifestar sua sexualidade por intermédio de um gênero flutuante, impreciso e em transformação constante, de acordo com as suas necessidades e com indagações acerca de o que é ser homem ou ser mulher.

Palavras-chave: *Acenos e afagos*. João Gilberto Noll. Violência de gênero. Performatividade. Literatura brasileira.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - campus de São José do Rio Preto – UNESP/IBILCE, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cláudia Rodrigues Alves.

INTRODUÇÃO

Judith Butler, em *Problemas de gênero – feminismos e subversão da identidade*, ao analisar os diversos feminismos, reflete como a heteronormatividade compulsória determina os corpos e propõe, a partir de uma crítica aos enunciados performativos, a performatividade de gênero, repetição ou não de atitudes relacionadas ao masculino ou feminino que constroem obrigatoriamente os gêneros culturalmente aceitos. Butler (2016) ressalta que é preciso resistir a esse poder que obriga a performatividade pela subversão dessas citações de gênero. E uma das formas de resistência, dentro da literatura, é entendida por Butler como a “força de ficção”:

A força de ficção de Wittig, seu desafio linguístico, é apresentar uma experiência que vai além das categorias da identidade, uma luta erótica para criar novas categorias a partir das ruínas das velhas, novas maneiras de ser um corpo no campo cultural, e linguagens inteiramente novas para descrevê-las. (BUTLER, 2016, p. 220)

Levando em conta o poder da ficção e essa capacidade de criar outras categorias para o corpo no campo cultural por meio da linguagem, pretende-se demonstrar que o debate sobre o gênero tem um lugar importante na obra de João Gilberto Noll, tanto relacionando a questão do poder e da autoridade com a produção de gêneros diversos. Os narradores de Noll não oferecem conforto ou respostas fáceis para as questões relacionadas ao problema do gênero ou culturais. A reflexão é constituída a partir da subversão com e sobre os corpos abjetos. *Acenos e afagos*, obra lançada em 2008, propõe alguns desses debates, tais como: o que obriga um sujeito a ser homem ou mulher? Que poder é esse por trás dos discursos de gênero que a partir da identificação da genitália determina profundamente as ações de um sujeito?

ACENOS E AFAGOS

João Gilberto Noll, em *Acenos e afagos* (2008), traz a história de um narrador que abandona esposa e filho e transforma-se em uma mulher para poder viver o grande amor de sua vida. Narrado como um romance de formação, da descoberta do gozo à vida adulta, o narrador em suas memórias sexuais apresenta o personagem denominado simplesmente de engenheiro pelo qual nutre um “platonismo vicioso” (NOLL, 2008, p. 33). Mesmo os dois sendo apenas amigos, o narrador sente um profundo desejo pelo engenheiro até com um certo romantismo inocente, e por isso mesmo, irônico.

Entretanto, o engenheiro, aparentemente ao não perceber esse amor, embarca num submarino alemão em suas orgias homoeróticas e abandona o narrador, que sem opção, tenta viver sua vida segundo a heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2016, p. 67). Em segredo e com o objetivo de satisfazer seus desejos sexuais, busca a companhia de outros homens, sem deixar de lembrar do engenheiro, até encontrar um garoto de programa que o mata. Contudo, esse não é o fim dessa narrativa. O narrador magicamente é ressuscitado pelas mãos do próprio engenheiro ao mesmo tempo que recebe um convite para morar com ele nos arredores de Cuiabá. É o sonho do narrador tornando-se realidade e o começo de sua transformação.

A COZINHA E O AGRADECIMENTO

A chegada do narrador com o engenheiro em Cuiabá mostra o espaço em que a narrativa irá se desenvolver: “entramos na casa de alvenaria, só reboco. Por dentro também, sem pinturas nas paredes. Abri a porta da cozinha. Sobre a mesa havia panelas, talheres, pratos, duas laranjas” (NOLL,

2008, p. 80). A cozinha é um espaço determinante para o processo de transformação a iniciar-se. “O que eu começava a depreender daquilo tudo?” (NOLL, 2008, p. 80-81), pergunta-se o narrador para mostrar qual função cada um deve exercer na narrativa deste ponto em diante:

Que ele seria o meu homem. E que para mim fora preparada a cozinha com seus apetrechos. [...] Alguma coisa me dizia que, se eu ordenasse meus dias segundo os planos misteriosos, poderia ganhar o corpo inteiro do engenheiro, noite após noite. (NOLL, 2008, p. 81)

A elucubração do narrador mostra os papéis a serem assumidos: o engenheiro é seu homem e a ele foi entregue a cozinha e uma rotina de dona de casa, logo será uma mulher, ou seja, precisa ser uma para ter aquilo que tanto deseja: “bastava que eu fosse a mulher com a qual ele sonhara” (NOLL, 2008, p. 81). Além do espaço, o narrador encontra outros símbolos: um vestido, um avental e uma toalha de banho, “pareciam à minha espera” (NOLL, 2008, p. 82), comenta o narrador.

Já com o primeiro jantar do casal servido, “as duas laranjas” da mesa da cozinha, o engenheiro traz à tona o relato dos momentos finais do narrador e começa aos poucos a tomar a voz narrativa:

A minha sepultura fora violada. O meu cadáver, raptado. Todos acham que você está morto, o meu cara falou com o cenho sombrio. Só eu sei que não, comentei. E você, espero, emendei. Espero mesmo que você esteja aí a perceber um homem que nunca morreu. A polícia acredita que os violadores queriam o teu cadáver para vendê-lo a um plano continental. (NOLL, 2008, p. 82)

Além de ter seu corpo morto violado, o narrador também é silenciado ao entregar aos poucos a voz narrativa para o engenheiro. A história da violência contra o seu corpo e a sua morte precisa ser recontada pelo outro, como aconteceu com os relatos das minorias no passado, segundo Hugo Achugar, em *Planetas sem boca* (2006). “O engenheiro se pôs a falar”: “uma hora depois do sepultamento, violei a tua tumba, tarefa relativamente fácil” (NOLL, 2008, p. 83). O narrador intercala as suas reações à fala do engenheiro sem demarcação usual do diálogo e dá-lhe um tom sagrado: “Você me ressuscitou!, bradei, como se fosse um evangélico em surto de louvores” (NOLL, 2008, p. 83). O narrador, seguindo essa lógica religiosa, chama o engenheiro de “um homem que literalmente instituiu o impossível” (NOLL, 2008, p. 83). Era o milagre da vida sobre a morte, era o poder do engenheiro sobre o corpo do narrador.

A fala retorna ao engenheiro que conta a história de um coveiro, pai de Tina, empregada de sua casa na infância. O engenheiro usa a pá desse coveiro para cavar a sepultura, destampar o caixão, um fetiche capaz de trazer os mortos à vida: “Abri a tampa do caixão e te falei, vem!” (NOLL, 2008, p. 84). O narrador intervém: “Uma retórica evangélica para tentar o cerimonial que o instante exigia” (NOLL, 2008, p. 84). O tom sagrado passa à profanação pela tentação, efeito usual do projeto estético, como bem identificou Silviano Santiago em *O evangelho segundo João*, tanto em Noll quanto em outros escritores comparados e denominados de convertidos pelo crítico cultural: “[o convertido] desespirtualiza o discurso da religião bem-pensante pelo desvio do desejo, dos cinco sentidos, para melhor se chegar ao contato com o divino” (SANTIGAGO, 2002, p. 76)

No caixão, o narrador tinha uma respiração fraca e, segundo a análise do engenheiro, ele poderia viver: “Botei minha boca sobre a tua e te passei ar, mais ar. Notei que tua pele se reavivou” (NOLL, 2008, p. 84). E o engenheiro complementa: “eu me sentia o pai da vida sempre que lembrava que só eu poderia mesmo te capturar” (NOLL, 2008, p. 84).

A lembrança do pai de Tina é repetida para reforçar o poder desse personagem sobre a vida e a morte: “Não se esqueça de que na minha infância a família tinha uma empregada, Tina, cujo pai era coveiro” e o narrador reconhece a autoridade do engenheiro: “Ele voltava sempre a esse mote, para passar a ideia de sua razoável instrução sobre o ofício de coveiro, Ele me extraiu da morte com certa autoridade no que diz respeito às residências cadavéricas” (NOLL, 2008, p. 84). Essa autoridade ganhará outros significados na sequência da narrativa: é uma dívida que o narrador contrai com o engenheiro.

O narrador retoma a voz narrativa preocupado com sua vida pretérita à ressurreição e com receio de desvalidar sua própria história: “E a minha fazendola, a minha herança?, perguntei, com medo de perder minha vida do início até esse ponto do diálogo” (NOLL, 2008, p. 87). Era uma nova vida que se iniciava para o narrador, deveria deixar tudo para trás, porém há o medo e o reconhecimento do milagre: “O engenheiro me chegou feito aparição no poço do túmulo e fez o que Deus nunca fizera por mim. Aliás, o engenheiro tornara-se Deus na minha ótica de fiel desprotegido” (NOLL, 2008, p. 88). Por fim, há a conclusão do monólogo do engenheiro ligando a ressurreição a um agradecimento:

Te arranquei da morte, embora todos em volta estivessem a te ver como defunto. O segredo de espantar as trevas de um corpo aparentemente inerte, mas que ainda tem sua circulação sanguínea, esse segredo quem me passou foi o pai de Tina. Pediu-me que não o revelasse a ninguém. Agora você é grato a mim e continuará sendo pelo período que resta. (NOLL, 2008, p. 88)

A autoridade do engenheiro ganha uma proporção ainda maior, não somente sobre a vida e a morte ou o gênero o qual o narrador necessita assumir, mas também está num agradecimento pela oportunidade de vida como um ato religioso ou um sacrilégio, por desafiar a morte: o narrador vive devido às graças do engenheiro. Em *Força de Lei* — o “fundamento místico da autoridade”, Jacques Derrida nos explica:

As leis não são justas como leis. Não obedecemos a elas porque são justas, mas porque têm autoridade. [...] A autoridade das leis repousa apenas no crédito que lhes concedemos. Nelas acreditamos, eis seu único fundamento. Esse ato de fé não é um fundamento ontológico ou racional. (DERRIDA, 2007, p. 21)

O engenheiro, além de violar a tumba, violar a morte, também viola a religiosidade, assumindo o lugar da divindade. A violação do gênero também está presente: a cozinha, o vestido e a função da dona de casa e o agradecimento. O narrador oferece ao personagem todo o crédito sagrado e profano de que ele necessita. E Noll não expõe exageradamente nenhuma dessas instâncias sem um motivo. É necessário lembrar, com Butler (2011), que uma forma de resistência é tomar as palavras que ofendem da boca do ofensor para utilizá-las como uma marca de reconhecimento e luta: “o gesto hiperbólico é crucial para a exposição da ‘lei’ homofóbica que não pode mais controlar os termos de suas próprias estratégias de abjeção” (BUTLER, 2011, p. 177 — tradução nossa)². No caso do narrador de Noll, a entrega ao agradecimento só tem uma motivação: a possibilidade de viver com o engenheiro.

² No original: “The hyperbolic gesture is crucial to the exposure of the homophobic ‘law’ that can no longer control the terms of its own abjecting strategies” (BUTLER, 2011, p. 177).

SUBVERSÃO DO AGRADECIMENTO

Para além do agradecimento, o narrador está mais interessado na realização de seu desejo sexual: “eu ficaria sabendo enfim da dimensão de nossa parceria noturna” (NOLL, 2008, p. 89). Após o jantar, o narrador arruma a cama: “[...] eu estava ali, pronto para servir de mulher para o engenheiro, se o destino assim ordenasse” (NOLL, 2008, p. 90). A submissão ao destino e ao personagem é uma performance para a realização de seu intento sexual: “Falei que o dia tinha sido cansativo. Que não me importava, pois sempre gostei de limpar e cozinhar. Mentir desse jeito parecia ser o que todos esperavam de um corpo consagrado ao desempenho feminino” (NOLL, 2008, p. 90). Se mentir era o esperado, o narrador usa a artimanha para favorecer a si mesmo.

O engenheiro vai para o seu lado: “Eu estava nervoso. Depois de uma vida toda desejando-o, a hora parecia chegado” (NOLL, 2008, p. 90). O narrador finalmente beija o engenheiro e, ao tirar sua roupa, percebe que: “ao alcançar lá embaixo vi que o pau dele não apresentava ereção. Fiquei frio. Pensei como poderia ser isso [...]. Andava impotente” (NOLL, 2008, p. 91). E diante da falta de ereção do engenheiro, ele toma uma atitude:

Deitados, fiz menção de virar seu corpo, e ele de fato se virou. [...] Fui enfiando devagarzinho o meu indicador. O dedo saía e entrava para o casal se aquecer com um minicoito. Ele gemia deslavadamente. [...] e eu precisava providenciar que o meu cacete ficasse em forma permanente, para poder penetrar naquele a quem amava feito cego. [...] O cara não se fartava nunca, embora sem a mais leve ereção. (NOLL, 2008, p. 92)

Finalmente, o narrador consegue alcançar seu objetivo: “o meu pau teria uma missão especial: comer a quem parecia me querer como mulher” (NOLL, 2008, p. 93). O fato de o engenheiro desejar o narrador como mulher é encarado como uma performance somente para ter o personagem ao seu lado e é mais uma vez reforçado ironicamente no café da manhã do dia seguinte: “e para o resto dos meus dias, continuaria no gozo dessa abstração feminina que começava a tomar conta de mim” (NOLL, 2008, p. 93). O narrador acompanha a rotina matinal do engenheiro, tomam o café da manhã performando o casal heteronormativo, sentados à mesa aos beijos.

Esse homem disse ter hoje um dia cheio. Onde?, perguntei. Lá no meu trabalho, ele pronunciou mirando a porta da cozinha aberta. E levantou-se pegando do bolso um pano de feltro com manchas certamente de graxa. Devolveu-o ao bolso e deste tirou algumas cédulas, colocando-as em minha mão. Cobriu-a com a sua, balbuciando ser para as despesas do dia. Antes de acompanhá-lo até a varanda me perguntei se era isso mesmo o que eu queria: ser prisioneira do lar e seus serviços. (NOLL, 2008, p. 94)

O narrador passa a utilizar o feminino e reforça mais uma vez o papel a cumprir nessa relação ao ser a mulher sustentada à espera do marido. Mesmo assim, questiona-se: “Mas quem era eu afinal? Um homem que funcionaria como esposa dentro de casa. Um cara fodão à noite, varando o engenheiro até o seu caroço” (NOLL, 2008, p. 95), o que parece ser um contrassenso em sua cabeça, uma vez que ele, no papel de marido, sustentava a esposa na vida pretérita. O narrador ao imaginar como deveria cumprir as prerrogativas normativas de uma mulher mesmo durante a noite assumindo um outro papel, consegue, pela força da subversão, desestabilizar a repetição/iteração desses atos esperados de uma mulher, ou seja, questiona a ritualização normativa da submissão feminina. Butler, em *Bodies that matter* (2011), explica essa ritualização do performativo:

Sob o risco de repetir-me, sugiro que a performatividade não pode ser entendida fora do processo de iterabilidade, uma regularizada e restrita repetição das normas. E essa repetição não é performada por um sujeito; essa repetição é o que possibilita e constitui a condição temporal de subjetivação. Essa iterabilidade implica que a “performance” não é um “ato” singular ou eventual, mas uma produção ritualizada sob e através dessa restrição, sob e através da força da proibição e do tabu, conduzindo ao ostracismo e mesmo à morte, controlando e compelindo a forma dessa produção, mas, insisto, não determinando-a antecipadamente. (BUTLER, 2011, p. 60 — tradução nossa)³

A ritualização dessa submissão, ligada ao tom religioso da narrativa, é questionada incansavelmente pelo narrador, a narrativa vivida por ele não é constituída na forma desse ritual, pois ele não é uma mulher na cama com o engenheiro. Assim, se não há uma determinação antecipada do gênero pela performatividade, o narrador procede com as subversões. Colling, Arruda e Nonato (2019) explicam como essa produção do gênero no corpo acontece:

[...] o sujeito só é autor no processo de fabricação de seu corpo/gênero quando, vivendo, aproxima-se mais ou menos das normas que orientam as suas repetições cotidianas. O sujeito não é autor, mas resultado das forças culturais que o levam a se comportar mais próximo ou mais distante das normas que uma analítica da linguagem faz aparecer como códigos que modulam as repetições. (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019, p. 10)

O narrador de Noll tenta se aproximar dessas normas por tornar-se a mulher esperada pelo engenheiro ao mesmo tempo que está distante dessas modulações porque ele não consegue repetir esses códigos no ato sexual com o engenheiro. A dubiedade de sua situação permite construir uma forma de subversão dos papéis sexuais.

O ROUPÃO JAPONÊS E O GÊNERO ENQUANTO ATIVIDADE

A obrigação da transformação do narrador em uma mulher ganha mais uma nuance com o avanço da narrativa:

Estendido sobre a cama, havia um roupão gritantemente feminino, com motivos japoneses —, gueixas servindo chá. Ao lado havia um bilhete. Comprei esse roupão em Tóquio, quando em viagens com o submarino. Trouxe-o para quem viesse a ser minha namorada. [...] Eu deveria ser a mulher dele com absoluta abnegação. Era seu desejo, eu sabia. A minha vida passava a ter um dono: ele. Pois a própria vida eu lhe devia. [...] Eu, que havia pouco acreditava ter morrido, estava agora ali naquela casa vivendo para o marido, como ainda tantas outras mulheres. (NOLL, 2008, p. 95)

O narrador vestindo o roupão japonês procura um espelho para poder verificar sua aparência: “eu já era outro” (NOLL, 2008, p. 96). Dentro do armário do banheiro havia artigos de maquiagem os quais usou “para fazer de mim uma mulher próxima ao ideal” (NOLL, 2008, p. 96), e reconhece

³ No original: “Here, at the risk of repeating myself, I would suggest that performativity cannot be understood outside of a process of iterability, a regularized and constrained repetition of norms. And this repetition is not performed by a subject; this repetition is what enables a subject and constitutes the temporal condition for the subject. This iterability implies that “performance” is not a singular “act” or event, but a ritualized production, a ritual reiterated under and through constraint, under and through the force of prohibition and taboo, with the thread of ostracism and even death controlling and compelling the shape of the production, but not, I will insist, determining it fully in advance” (BUTLER, 2011, p. 60).

uma habilidade incomum com a maquiagem, e mesmo assim: “não me via então como mulher acabada” (NOLL, 2008, p. 96). Judith Butler, em seu *Problemas de gênero* (2016), explica que:

Considerando ainda a consequência de que, se o gênero é algo que a pessoa se torna — mas nunca pode ser —, então o próprio gênero é uma espécie de devir ou atividade, e não deve ser concebido como substantivo, como coisa substantiva ou marcador cultural estático, mas antes como uma ação incessante e repetida de algum tipo. (BUTLER, 2016, p. 195)

Noll através das ironias e dos jogos entre o ser homem e ser mulher de seu narrador provoca esse tipo de atividade não substantiva para a construção da transformação obrigatória. Se o engenheiro quer uma mulher, é o que o narrador oferece-lhe ao mesmo tempo que subverte o papel feminino não em proveito do engenheiro ou do agradecimento, mas de si mesmo. Butler continua:

Se a subversão for possível, será uma subversão a partir de dentro dos termos da lei, por meio das possibilidades que surgem quando ela se vira contra si mesma e gera metamorfoses inesperadas. O corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais. (BUTLER, 2016, p. 164)

É exatamente o que o narrador conclui sobre seu o seu próprio gênero: “vivia, por enquanto, expatriado de meus papéis masculinos. Comecei a acreditar naquela altura que esses papéis talvez já fossem irrecuperáveis” (NOLL, 2008, p. 97). E assim, sem um papel masculino a exercer, ele então se conforma subversivamente em relação ao engenheiro:

[...] se ele viesse todo fim de mês com uma soma razoável para a vida diária, mais uma quantia para suprir minhas vaidades, como, por exemplo, os cosméticos, eu não ia querer a separação jamais. Pela união medianamente confortável com o engenheiro, eu ficaria no esconderijo daquela moradia afastada de tudo, toda preparada para quando o amor chegasse à tardinha, abrindo o portão com seu lirismo natural, tristonho. Ali, eu às vezes era mais mulher que muitas outras. (NOLL, 2008, p. 100)

CONCLUSÃO

O narrador era mais mulher que as outras por performar a mulher conformada perfeita à espera do marido. Entretanto, a ironia é clara: à noite, o seu papel não é de conformação.

Serei sempre grato ao engenheiro. Grato também pela autêntica mulherzinha que terei de ser, seguindo o marido com devoção e obediência. A única coisa que ultrapassava o meu tartamudear diário e de algum modo se refinava era o sexo da noite. Isso sim servia ao coração de minhas necessidades. (NOLL, 2008, p. 103)

A postura do narrador em transformação é sempre desafiadora em relação ao poder que se impõe sobre o seu corpo dentro das regras da lei. As subversões não são desenvolvidas somente em relação ao agradecimento ao engenheiro, proliferam-se por toda a narrativa até a sua última linha, levando Sandro Adriano da Silva, em sua dissertação *Acenos e afagos: o romance queer de João Gilberto Noll* (2010), a propor uma estética da identidade para o narrador do romance: “o sujeito é a marca de um interesse socialmente construído e inserido no corpo pela economia de um desejo

administrado” (SILVA, 2010, p. 103). O desejo do narrador é o que move a narrativa como um todo, superando até mesmo seu “platonismo vicioso”, pois enquanto houver o sexo que serve às suas necessidades, poderá continuar em sua transformação para qualquer direção.

Contra a violência sobre o seu corpo, o narrador responde com o seu desejo mais primitivo: o sexual, pois esse romance de formação não é sobre um sujeito e suas experiências, mas sobre a história de formação e ampliação do desejo. Diego Gomes do Valle esclarece, em sua tese *João Gilberto Noll e a estética do não-eu* (2014), que a transformação sofrida pelo narrador: “trata-se de um reflexo externo (físico) da identidade sexual de gênero que o narrador possui naquele momento, para usufruir de sua sexualidade em toda a sua potencialidade” (VALLE, 2014, p. 48).

A proposta do narrador é deslocar o que o poder determina como normal pela vivência de sua sexualidade. É uma luta constante e que não precisa ter um fim, conforme Butler mesmo explica:

[...] o poder não pode ser retirado nem recusado, mas somente deslocado. De fato, na minha opinião, o foco normativo sobre as práticas lésbicas e gays deve recair sobre o deslocamento parodístico e subversivo do poder, ao invés da fantasia impossível de sua completa transcendência. (BUTLER, 2016, p. 215).

Por fim, o narrador, sem conseguir transcender o poder para viver de sua sexualidade, não assume uma postura masculina ou feminina, buscando sempre ficar num entre-lugar desse momento-deslocamento, pois o seu objetivo é claro ao explorar cada vez mais as infinitas possibilidades que seu corpo tem a oferecer: “entre ser homem ou mulher fico com os dois. E que ninguém me siga” (NOLL, 2008, p. 122).

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca** — escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter** — on the discursive limits of “sex”. New York: Routledge, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** — feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO; Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cardernos Pagu**, 2019, vol. 57, p. 1-34.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei** — o “fundamento místico da autoridade”. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NOLL, João Gilberto. **Acenos e afagos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Sandro Adriano da. **Acenos e Afagos: o romance queer de João Gilberto Noll**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

VALLE, Diego Gomes do. **João Gilberto Noll e a estética do não-eu**. 2014; Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.